

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Pantera Negra e Zumbi dos Palmares: possibilidades de usos fílmicos no ensino de História

*Black Panther and Zumbi dos Palmares: Possibilities of film uses in History
teaching*

Augusto César Acioly Paz Silva*

Cento de Ensino Superior de Arcoverde
Arcoverde, Pernambuco, Brasil

George Manoel Farias de Melo**


Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco
Poção, Pernambuco, Brasil

Recebido em: 10 ago. 2022.

Aprovado em: 24 out. 2022.





* Professor Efetivo do Centro de Ensino Superior de Arcoverde, faculdade mantida pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde. Professor permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutor em História pela UFPE; Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba; Especialista em História Regional e graduado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. (cesar_historia@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7135-1834>

 <http://lattes.cnpq.br/1301343486295854>

** Professor de História do Ensino Médio Integral da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, EREM Comendador Manoel Caetano de Brito. Especialista em Ensino de História pela Universidade Ipatinga e em Educação, Cultura e Diversidade pela Centro Universitário Leonardo da Vinci; graduado em História pelo Centro de Ensino Superior de Arcoverde. (georgemb45@gmail.com)

 <https://orcid.org/0009-0004-9095-0479>

 <http://lattes.cnpq.br/9303293342651826>

Resumo

Este artigo tem como finalidade observar as possibilidades que os personagens Pantera Negra e Zumbi dos Palmares desfrutam para serem utilizados para pensarmos a História da população afro e dos povos escravizados. Procurando, para tanto, situar cada um destes personagens e pensá-los enquanto recursos que, através das suas representações e histórias, sejam possíveis realizar mediações entre História e Ensino. A escolha na utilização de um personagem fictício e outro real deu-se pelo fato de que, em alguma medida, ambos encarnam a imagem do guerreiro, elemento que colabora para possíveis relações ao mesmo tempo em que procuramos explorar as potencialidades de cada um deles e os seus usos na área de ensino de História.

Palavras-chave: Pantera Negra. Zumbi. História e Ensino de História.

Abstract

This article aims to observe the possibilities that the characters Pantera Negra and Zumbi dos Palmares enjoy to be used to think about the History of the Afro population and enslaved peoples. Seeking, therefore, to situate each of these characters and think of them as resources that, through their representations and stories, make it possible to mediate between History and Teaching. The choice to use a fictional character and a real one was due to the fact that, to some extent, both embody the image of the warrior, an element that contributes to possible relationships at the same time that we seek to explore the potential of each one of them and their uses in the area of history teaching.

Keywords: Black Panther. Zumbi. History and History Teaching.

Introdução

Os heróis sempre tiveram no interior da Cultura Ocidental um forte fascínio, constituindo-se em modelos a serem seguidos, o que em muitos casos colaborou na construção de determinadas representações. Pensando nesta complexidade que tais personagens encetam, nosso texto possui como centro de reflexão as possíveis relações entre o personagem ficcional Pantera Negra e o herói brasileiro Zumbi dos Palmares, procurando desta maneira destacar quais os principais pontos de ligação entre as duas figuras, a nossa reflexão orientou-se nos usos possíveis para que discussões em torno de temas como a luta pela liberdade, o combate à escravidão dos povos, constituem-se num conjunto que questões que colaboram para que pensemos as potencialidades do material fílmico, na qualidade de fonte e recurso para o ensino de História, mesmo que tratemos de personagens, um deles que se encontra no campo ficcional e outro tendo realmente existido, são possibilidades que colaboram para que seja possível, no espaço da sala de aula, explorarmos as potencialidades e os seus usos, no ensino e produção da História.

Tais personagens são interessantes enquanto possibilidade de analisá-los dialogando com o conceito de representação, que no interior da História e das ciências humanas possui um conjunto de abordagens que tem ajudado de maneira efetiva a entender os sentidos que muitas vezes estes personagens, tanto o Pantera Negra quanto Zumbi, possuem na forma como podemos utilizá-los para pensar os processos históricos. Neste sentido, os usos que os filmes possuem são extremamente férteis como ferramentas possíveis para provocar debates importantes e pensar processos de ensino-aprendizagem no campo do conhecimento histórico e do seu ensino (Cf.: CHARTIER, 1990; FERRO, 2010).

Estabelecer este diálogo no universo da sala de aula foi o que procuramos ao realizar este processo de aproximação, discutir e problematizar essas relações entre estratégias de ensino que dialoguem com filmes, que podem ser proveitosas, na medida em que é possível provocarmos questões em sala de aula que colaborem para demonstrar que aprender História é um processo que deve ser realizado através de várias estratégias, como o uso, por exemplo, de personagens como o príncipe de Wakanda que, apesar de não ser um personagem histórico real – diferente de Zumbi – colabora para encerrar um conjunto de associações e representações que circulam nos espaços extraclasse. Mas que nem por isto deixam de ser importante para pensarmos questões como: o que são personagens? de que forma são representados? o que significam as representações que surgem destes personagens? Elementos que ajudam a compreender que produzir e ensinar história passa pelo exercício de pensar e analisar a forma como a cultura histórica produzida pelos filmes, e os personagens que existem nestas narrativas, condensam determinadas visões sobre o que é ser negro e sobre a representatividade advinda de um filme que coloca, como personagens centrais, figuras negras. Em outras palavras, estes usos contribuem para que possamos ampliar o

significado das populações negras como personagens centrais nas narrativas históricas (HARTOG, 1999, p. 37-39).

Destarte, a nossa preocupação inscreve-se na perspectiva de compreender aspectos referentes ao campo do imaginário. Segundo Barros (2004, p. 93), além de constituir-se numa dimensão complexa, o imaginário colabora para que possamos explorar de maneira efetiva as vinculações e usos que muitas vezes se materializam na maneira como os indivíduos consomem e ressignificam as imagens, o que abre espaço para, no caso do tema sobre o qual nos debruçamos, ser possível observar as relações e construções travadas entre os usos de personagens fictícias e históricas, problematizando e ao mesmo tempo analisando – dialogando com o campo simbólico e cultural – os anseios, valores e modelos que tais personagens imprimiram no interior das suas sociedades, e as inspirações produzidas por eles para as futuras gerações. Com base neste conjunto de questionamentos, apresentaremos a seguir alguns pontos que orientarão as nossas reflexões, ao longo do texto. Vejamos, então:

- Quais possibilidades se apresentam para que comparemos Zumbi dos Palmares, um herói nacional, com o Pantera Negra, um herói fictício? De que forma as origens destes personagens estão pautadas no campo do imaginário?
- Quais elementos da história e cultura afro-brasileira podem ser, a partir do filme *Pantera Negra* (Dir. Ryan Coogler, EUA, 2018), problematizados?
- Qual o sentido de luta pela liberdade representado em *Pantera Negra*?
- Qual é a importância desta discussão para as aulas de História e para a compreensão da cultura histórica?

Assim sendo, em primeiro plano realizamos uma abordagem que procura apresentar as origens das personagens tratadas neste artigo, evidenciando alguns dos aspectos importantes em torno dos respectivos contextos históricos aos quais estiveram ligadas. Em paralelo a essa discussão, faremos uma análise a respeito das contribuições do cinema como recurso didático-pedagógico e histórico importante, e que possibilidades de diálogo podem ser mediatizados com o campo do Imaginário – procurando, desse modo, observar como tal dimensão colabora na construção de símbolos que são utilizados no interior da cultura jovem e possuem no cinema um dos espaços de difusão, personagens representados com heróis com os quais os estudantes entram em contato durante o convívio em sociedade nos mais variados espaços, dentre eles o escolar.

No segundo momento, a preocupação é de realizar um paralelo entre a trajetória histórica de Zumbi dos Palmares em relação a de Pantera Negra, analisando as simbologias expressas durante algumas passagens do filme dirigido por Ryan Coogler, lançado no ano de 2018. É importante, para efeito de comparação entre os dois personagens, confrontar possíveis características entre o reino fictício de Wakanda e o quilombo de Palmares.

Exercício provocador, de acordo com Napolitano (2019, p.79), pois, aproveitando elementos históricos apresentados pelo professor através dos usos da produção cinematográfica, é possível, a partir da análise sobre os significados apresentados na produção

fílmica, contribuir no sentido de compreender de que formas o Imaginário pode ser construído em sala de aula. Neste sentido, procuraremos destacar os esforços do Pantera Negra e do vilão Killmonger na luta pela liberdade, abordando as diferentes posições de protagonista e antagonista na busca do mesmo objetivo: a liberdade de seu povo. Com relação a Zumbi, a dimensão da liberdade será um dos elementos centrais tanto no imaginário quanto na representação quando falamos do personagem.

Para analisar tais aspectos, procuramos, além da leitura de uma historiografia e produção relacionada às questões sobre história e ensino (Cf.: BARROS, 2004; BITTENCOURT, 2018) e história e cinema (Cf.: BERNARDET, 1980; NAPOLITANO, 2019), destacar os autores a seguir: Gomes (2011), Funari (2012), Santos (2018), Theodoro (2018), Guerra (2011), Chaves (2015), Rocha e Barbosa (2013), referências importantes para que pudéssemos empreender uma leitura que se relacionasse com as análises do filme *Pantera Negra* (2018) e de histórias em quadrinhos sobre as origens do herói negro e do seu universo. Na seção a seguir, nossa preocupação orienta-se em traçar possibilidades de análise entre os dois personagens, o Pantera Negra e Zumbi.

Do Rei de Palmares na História ao Rei de Wakanda no cinema

Em primeiro lugar, é importante estabelecer o lugar reservado ao cinema na qualidade de uma ferramenta importante, do ponto de vista não apenas imagético e de produção de sentido, mas também no uso didático pedagógico, que colabora no processo de quebra de paradigmas a muito estabelecidos pela sociedade, principalmente no que diz respeito à valorização da diversidade étnica no Brasil e no mundo. Contudo, na qualidade aberta que todo recurso congrega, é possível, como aponta Bernardet (1980, p. 131), a utilização do cinema na manutenção de visões particulares, objetivo de certos grupos sociais que visam imprimir seu modo de enxergar a realidade. Tal ambiguidade é própria da formação do campo cultural, pois esse espaço não se forja na unanimidade, mas na diversidade e combate de visões que colaboram para que tal espaço seja forjado (Cf.: BOURDIEU, 1992).

Então, assim sendo, é válido observar que o imaginário se encontra repleto de figuras heroicas que, mesmo apresentando suas particularidades, simbolizam e defendem à sua maneira certas permanências contra qualquer ameaça que resulte em transformação histórica ou socioeconômica. Deve-se também ressaltar que o objetivo do cinema “é entreter, mas em sala de aula, o/a professor/a deve ir além: deve ser capaz de usar mesmo os filmes chamados *blockbusters* como instrumentos de aprendizado” (SANTOS, 2018, p. 70). Compreende-se o filme como um recurso que possibilita provocações no processo de ensino-aprendizagem no campo do Ensino da História, especialmente quando procuramos observar quais as possibilidades em fazer inferências e analisar as construções no imaginário do educando.

Portanto, deve-se ressaltar a importante relação que um filme constrói com o imaginário, principalmente quando se pretende analisar um super-herói fictício e estabelecer

paralelos com um personagem real, como nos propomos a realizar ao compararmos Zumbi ao Pantera Negra. Lançando a nossa reflexão, para pensar os sentidos produzidos pelo imaginário, na qualidade de recurso importante para compreendermos as formas sob as quais tal dimensão circula e organiza-se no interior da sociedade e cultura, além de seus possíveis usos no ambiente escolar, é importante destacar que “o imaginário é também reestruturante em relação à sociedade que o produz” (BARROS, 2004, p. 91). Tal compreensão nos ajuda a perceber que uma produção fílmica que aborda um herói e os valores por ele apresentados possui plena ligação com o mundo real, uma vez que a mesma reflete as principais questões vivenciadas pelo público ao qual se dirige. Contudo, como tal perspectiva pode fazer a diferença para a docência? Theodoro (2018, p. 56) apresenta que a “identificação” do objeto de estudo é o primeiro passo para que os alunos possam “relacionar” as problemáticas lançadas pelo professor, construindo, desta forma, significados para o processo de aprendizagem.

Então, o professor deve almejar “num primeiro momento, a identificação, depois a comparação e numa operação mental mais complicada relação e abstração aumentando a consciência do homem sobre os diferentes fenômenos do mundo que o cerca” (THEODORO, 2018, p. 56). Desta forma, o estudante poderá colaborar para a elaboração de sentidos não apenas para um objeto cotidiano – aqui refiro-me ao filme – como também poderá apresentar maior facilidade em apreender os conteúdos, estabelecendo vínculos profundos com questões abordadas diariamente – neste caso, a história de Zumbi.

Seguindo por tais questões, em nosso texto entendemos a produção fílmica dentro de uma acepção que percebe as produções cinematográficas como “um campo de luta, e a história do cinema é também o esforço constante para denunciar este ocultamento e fazer aparecer quem fala” (BERNADET, 1980, p. 131). Em outras palavras, o cinema foi e é capaz de proporcionar voz, cores e movimentos, evidenciando não apenas os anseios dos indivíduos envolvidos em sua produção, mas preocupando-se em expor questões que podem, a partir das perguntas realizadas pelos professores e pesquisadores do ensino de História, correlacionar o que diferentes grupos sociais em determinados contextos históricos produzem quando relacionam-se com o processo histórico e as formas sob as quais o representam. Diante desta complexidade de questões, algumas demandas referentes aos direitos sociais dos povos negros no Brasil e no mundo passam a ser elencadas e visibilizadas, para que tais questões passem a ser apresentadas e façam parte das questões históricas de uma determinada sociedade. Então, com base no panorama discutido, é necessário abordar as origens das figuras aqui analisadas. Começaremos pelo Pantera Negra e os sentidos que foram construídos por este personagem, num primeiro momento no interior da cultura *pop* e no mundo das histórias em quadrinhos, e das ressonâncias provocadas pelas suas histórias na sociedade e cultura.

A primeira aparição do Pantera Negra se deu no ano de 1966, na história em quadrinhos *Fantastic Four* (n. 52), roteirizado por Stan Lee e com direito a arte desenvolvida

por Jack Kirby. T'Challa, o soberano de Wakanda, marcou presença junto ao time de heróis conhecido como Quarteto Fantástico. Todavia, a figura de um herói de origens africanas na publicação de uma das maiores editoras do ramo das HQs (História em Quadrinhos) surgiu para atender à necessidade imposta em responder aos apelos provocados pelo cenário de discussão e mobilização provocado pela luta dos direitos civis nos Estados Unidos, que trazia para o campo de discussão as questões étnico-sociais, que se tornavam uma demanda mais que urgente no interior do contexto histórico dos anos 1960.

Então, com base em Guerra (2011, p. 137):

Em torno do movimento negro, a ideia de participação política ligada à conquista da igualdade civil ganhou expressão no cenário público. Através da imprensa o movimento recebeu divulgação e tentou a partir da mobilização universalizar a questão racial estadunidense. Os direitos que as principais lideranças reivindicavam iam além do pleno direito ao voto e da igualdade de acesso aos espaços públicos. Eram também direitos sociais e econômicos necessários à "dignidade humana" daqueles que tinham sido um dia escravizados e de seus descendentes, ainda explorados e oprimidos.

Com base no que foi exposto pelo autor, pode-se compreender que o Pantera Negra carrega um viés ideológico relacionado às principais lutas sociais que evidenciavam um ambiente de segregação racial que ainda não havia sido superado na segunda metade do século XX, o que demonstra de maneira concreta a relação que se estabelece, como já havíamos apresentado, entre a construção de personagens e o período no qual eles são forjados. Desta forma, os personagens de uma maneira geral, inclusive o Pantera Negra, são produtos históricos e nos ajudam a compreender o mundo sob os quais eles surgem e os seus possíveis sentidos históricos.

Portanto, a partir deste pressuposto, é necessário fazer menção ao movimento conhecido como o dos Panteras Negras. Os criadores do personagem sempre alegaram que sua obra não tinha relação com o conhecido Partido dos Panteras Negras [*Black Panther Party*] (1966-1982). Entretanto vale observar a importância dessa organização que, segundo Chaves (2015), foi um movimento que lutou em defesa dos direitos civis dos negros nos EUA, defendendo, inclusive a necessidade da luta armada para garantir, entre outras coisas, a defesa da população negra contra os abusos policiais.

Também é interessante ressaltar que, ainda de acordo com Chaves (2015), a riqueza vivenciada pelas questões ensejadas pela luta dos direitos civis e a visibilidade alcançada por lideranças como Malcom X e Martin Luther King Jr., assumiam-se discursos e práticas diferentes, representadas pela posição do primeiro em defender a afinidade por ações mais enérgicas em resposta às condições precárias do povo negro e ao descaso das autoridades; já no caso do segundo por orientar suas ações por meios identificados por um conjunto de práticas mais pacíficas, conclamando igrejas e outras instituições na luta pelos direitos civis dos negros. Tais trajetórias colabora para que observemos a diversidade da luta pela afirmação dos direitos civis nos EUA, mas que inspiraram a mobilização e organização do movimento de negros e negras em outras partes do mundo.

Toda esta conjuntura nos ajuda a compreender a efervescência e importância que as questões advindas da temática étnico-racial alcançavam na sociedade americana e mundial – pois teremos desdobramentos em outras partes das Américas, a exemplo do Brasil – e garantiriam a necessidade de um herói negro capaz de mobilizar tais questões.

Todavia, se o rei T'Challa tem suas raízes bem definidas em um contexto histórico de lutas, o líder do quilombo dos Palmares, Zumbi, ainda possui uma origem envolta em mistérios e discutida ainda hoje por diversos historiadores. Portanto, o debate sobre as origens do herói palmarino pode ser proveitoso ao professor ao se fazer uma comparação entre as raízes bem definidas de um personagem fictício – neste caso, o Pantera Negra – e as dúvidas que ainda acompanham o imaginário de um personagem real, que, mesmo sendo um personagem que “existiu de fato”, de alguma maneira estabelecem estratégias de construção sobre a sua imagem que se relacionam com a ficção. Partindo da construção destas imagens e os seus usos no interior da produção do conhecimento histórico e dos seus espaços de difusão, uma questão se impõe: quem foi Zumbi?

Seguindo a trilha aberta pela questão anteriormente colocada, é possível observar que, para o historiador Flávio Gomes, foi na segunda metade do século XX que a personagem Zumbi dos Palmares sofreu um processo de elaboração, sendo incorporada no interior da nossa cultura histórica e das visões com que a sociedade brasileira passou a compreender Zumbi. Diante disso, foi então que, a partir dos

anos 1970 e 1980, uma face biográfica reconstruída de Zumbi emergiu nos estudos e publicações de Décio Freitas. Exilado político dos anos 1960, [...], Décio produziu as principais obras sobre Palmares. [...]. Suas investigações inicialmente se basearam em fontes impressas e manuscritas em acervos do Rio de Janeiro, de Recife e de Maceió. Freitas publicou posteriormente pelo menos seis novas edições em português, e as informações sobre Zumbi foram sendo agregadas pouco a pouco, num movimento crescente de reinvenção histórica (GOMES, 2011, p. 62-63).

Então, podemos compreender que apesar de Zumbi ter existido de maneira real, diferentemente do príncipe de Wakanda, ele não passou incólume aos processos de reinvenção, forjando em muitos aspectos as visões que possuímos dele hoje. Sendo-o, inclusive, pelas parcelas do ideário conservador representado por um dos últimos presidentes da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, numa desconstrução da imagem que foi apropriada a partir das produções de Décio Freitas (1971; 2004). A contra narrativa proposta por segmentos que não elegem Zumbi como símbolo de resistência, imagem que possui, o período de formação como já destacamos às décadas de 60 e 70 do século XX. A carga de complexidade representada por esta disputa de narrativas a respeito de quem foi Zumbi do Palmares, de figura heroica idealizada pelos movimentos sociais a personagem que, no argumento de muitos dos seus críticos, vinculados ao ideário conservador, possuía escravos e não representaria a luta dos negros e negras do Brasil, apresenta de maneira bem real as complexidades que cercam os processos de escrita da História (LOPES; NEVES, 2022, p. 20).

O desafio do professor de História é exatamente o de mediar as possibilidades interpretativas a respeito deste personagem e, a partir de tal questão, apresentar que o processo de construção e representação histórica encontra-se carregado de simbologias decorrentes das principais demandas históricas, sociais e políticas. Procurando, desta forma, identificar e demonstrar aos estudantes da educação básica a complexidade que se apresenta no processo de estruturação do conhecimento histórico, aspecto que surge como um importante ativo, para que os procedimentos que forjam a produção da pesquisa e as suas maneiras de difusão e o ensino se coloquem no interior desta realidade, ampliando a compreensão por parte dos que estão no processo de elaboração da consciência histórica.

De qualquer maneira, representado dentro de uma perspectiva mítica ou real, o líder de Palmares garantiu seu lugar na história do Brasil, uma vez que a sua figura foi sendo gradativamente associada desde pelo menos os últimos 50 anos no interior de um panteão de heróis nacionais, em grande medida pelos esforços do movimento negro surgido de forma mais articulada após o golpe civil-militar (FIGUEIRÊDO, 2016, p. 19-61). Aliado ao trabalho da militância dos movimentos sociais e através de décadas de lutas e mobilizações, e como uma das demandas destes segmentos, ocorreu o processo de criação e implementação da Lei n.º 10.639/2003, mais precisamente o texto acrescido pelo Art. 26-A,¹ que atendia à obrigatoriedade do estudo sobre os aspectos afro-brasileiros na história e cultura do país, o que reforçou todo o processo de discussão sobre o ensino de História e as possibilidades de construir estratégias de produção de conhecimento e ensino numa ótica antirracista, dimensão que passou por um processo de valorização de trajetórias históricas negras e do lugar e papel destes personagens nos processos históricos para além da sua representação na qualidade de escravizados. Esta “reabilitação” promovida pelas lutas encampadas pelos movimentos sociais e negro colaborou profundamente para que Zumbi fosse incorporado no Panteão dos Heróis da Pátria.²

Discutir o lugar que os personagens ocupam no imaginário e nas associações que podemos estabelecer entre a produção fílmica e a historiografia, sejam eles fictícios, como é o caso do príncipe de Wakanda ou reais, como Zumbi dos Palmares, abrem diversas possibilidades, para que seja possível, a partir do ensino de História, pensar estratégias que colaborem para que sejam apresentadas questões importantes para uma forma de apropriação de conhecimento por parte dos estudantes que elabore os significados de personagens históricos, representações e o papel que a cultura histórica possui na forma como as pessoas apreendem o conhecimento histórico produzido. Pensando um pouco mais sobre o sentido histórico do Pantera Negra e de Zumbi, as formas como é possível problematizá-los através

¹ Artigo acrescido pela Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/1996).

² Para saber mais, consultar: *A construção da memória nacional: os Heróis no Panteão da Pátria* (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010). Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/4163/construcao_memoria_2010.pdf?sequence=1. Acesso em: out. 2022.

das suas trajetórias e dos significados que elas encerram no campo da História e do seu ensino serão tratadas no próximo tópico.

Duas trajetórias que se cruzam através dos tempos

É essencial ressaltar que a proposta aqui não seria apenas realizar um estudo do conteúdo apresentado em *Pantera Negra* (2018), relacionando-o com o Imaginário em torno de Zumbi de Palmares. Nossa discussão procurou ir um pouco além, uma vez que, apoiada nas premissas de Bittencourt (2018, p. 18), torna-se urgente e necessário que possamos lançar um conjunto de reflexões que ultrapassem aquilo que poderíamos compreender como o que a historiadora do ensino de História destaca de simples “leitura interna”. Ultrapassar tal condição nos lança a possibilidade de procurar estabelecer um conjunto de questões mais profundas, instigando, desta forma, os educandos no processo de desenvolvimento de habilidades e competências que possam ser melhor observadas. Por exemplo, a de que ao contrastar personagem fictício com o real, eles possam perceber que, mesmo que o conhecimento histórico procure dar conta das representações construídas a partir de uma realidade concreta, personagens, símbolos e momentos que não “aconteceram de fato” podem ser utilizados para perguntarmos quais os motivos para que, por exemplo, no caso do nosso artigo, o *Pantera Negra* e a sua sociedade fossem pensados no interior da cultura, quais valores eles encetam e as expectativas que foram apresentadas nestas histórias, como recurso através do qual possamos pensar os dilemas da nossa sociedade e cultura.

Segundo a Lei n.º 12.519/2011, em seu Art. 1.º, o dia 20 de novembro ficou estabelecido como o “Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra”. Tal marco situa-se no processo que foi construído pelo movimento negro, desde a década de 1970, quando, ainda em 1971, surgiu através de um coletivo da cidade de Porto Alegre, da necessidade de construir um momento de reflexão sobre o lugar e condição das populações negras na sociedade brasileira. É visível a reafirmação da personagem em questão ao tornar a data da morte de Zumbi como referência sobre a luta por uma sociedade na qual a luta pelos direitos de equidade e inserção do negro em melhores condições na sociedade brasileira fosse corporificado. Ao deslocar o aniversário da morte do líder palmarino como data central para pensar a questão negra, outros marcos, como o 13 de maio, deixavam de ser uma referência a rememorar, enquanto data importante para pensar a libertação dos negros (ORIÁ, 1996, p. 154-165).

De alguma maneira, ao operar tal mudança, os movimentos sociais e negros procuravam construir e reafirmar uma narrativa histórica, que procurava deslocar a visão historiográfica tradicional do 13 de maio que, muitas vezes, apresentava a Lei Imperial n.º 3.353, de 13 de maio de 1888, como uma espécie de concessão pacífica, como se o ato da princesa não traduzisse toda a luta envidada pelos escravizados e grupos que lutaram pela sua libertação. Desta forma, relacionar uma data para celebrar a Consciência Negra, que

provocava discussões sobre a condição dos negros na sociedade brasileira, remetia à figura de Zumbi na qualidade de personagem que encerrava o modelo de resistência e de alguém que havia pago com a própria vida (Cf.: GORENDER, 2016, p. 21-29)

Uma perspectiva que se torna importante, para que possamos construir associações entre Zumbi e o príncipe de Wakanda, reside no fato de que o líder do Quilombo dos Palmares foi reconhecido, como aponta Gomes (2011, p. 60-71), por sua capacidade de liderança estratégica e militar, reconhecimento que pode ser percebido pelas fontes oficiais da administração portuguesa que, através dos relatos construídos, destacaram o destemor e certa “ferocidade” em combate.

É possível percebermos um imaginário atravessado por um conjunto de representações quando se pensa a questão negra no Brasil, no qual a resistência e a luta são imagens importantes para pensar a condição destes segmentos ao longo da história do Brasil. Tais marcas, que são reais e se apresentam em episódios como o relacionado à história dos quilombos e dos espaços de sociabilidade e vivências das populações negras e das escravizadas, constituem-se em temas importantes para que possamos discutir – para além das imagens de coragem, liderança, destemor e resistência – como tais conceitos podem ser pensados na história “real”, e quais associações podemos fazer com outros espaços de difusão de perspectivas históricas como os filmes. Tal desafio apresenta-se para os professores e historiadores que se enredam nas mediações entre história e plataformas, como as das produções fílmicas, que colaboram na construção de sentidos e concepções históricas.

Pensando no desafio que se apresenta, ao tomar o filme discutido neste artigo, é importante observarmos que o príncipe T’Challa,³ filho do rei T’Chacka,⁴ ao ser coroado rei, assumiu o manto de Pantera Negra com a missão de não apenas ser o grande guerreiro de Wakanda, mas de congregar também a árdua tarefa de liderar sua civilização no enfrentamento de uma grande questão: a abertura da sua nação para o mundo exterior. Diante disso, a película estabelece um profícuo diálogo com a personagem de Zumbi, no qual coragem e liderança se relacionam, ao mesmo tempo que, como Zumbi, o príncipe precisa proteger o seu mundo das incursões daqueles que queriam se aproveitar das riquezas e de alguma maneira submeter o seu reino às influências que pudessem “desvirtuar” a organização deste espaço. Diante destas relações, acreditamos que é possível estabelecer conexões entre a película e a história de liderança e resistência de Zumbi e do Quilombo de Palmares. Até que ponto ele não pode ser problematizado como Wakanda? (VALIM, 2012, p. 283-300).

Tais intermediações nos ajudam a pensar, junto aos alunos e no campo da ciência histórica, conceitos como o de representação e Imaginário, as formas como eles circulam na sociedade, e de que forma produções como as aqui tratadas colaboram para que eles se estabeleçam. Por isso, é importante, como Barros destaca, que:

³ Personagem interpretado por Chadwick Boseman, também no papel de Pantera Negra.

⁴ Personagem interpretado por Atandwa Kani, na versão mais jovem do antigo rei de Wakanda, e por John Kani na versão mais velha do mesmo personagem.

O historiador do Imaginário começa a fazer uma história problematizada quando relaciona as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse – quando trabalha os elementos do Imaginário não como um fim em si mesmos, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa. O imaginário deve fornecer materiais para o estabelecimento de interconexões diversas (BARROS, 2004, p. 98-99).

Então podemos apreender que, durante o filme, nosso herói precisa desde o início ser o elo entre as tradições de sua terra e o avanço da globalização em termos políticos, culturais, estratégicos e sociais. Para tal, mesmo escondido por trás do estereótipo de miséria, crise e atraso⁵ comumente utilizado sobre os povos africanos, Wakanda se desenvolve com os sentidos atentos ao que acontece ao seu redor, mantendo “Cães de Guerra”⁶ por todo o globo. Destarte, percebemos que uma das pautas políticas das lideranças wakandanas giram em torno do debate sobre até quando a sua civilização continuará escondida aos olhos dos outros povos. A partir dessa visão, o professor de História tem a possibilidade de usar o *Reino de Wakanda* como um espelho que reflete a nível comparativo um conhecido objeto de estudo das aulas de História Afro-Brasileira, o Quilombo dos Palmares, evidenciando a prática do isolamento como uma forma de se proteger das ambições europeias.

Nas palavras de Rocha e Barbosa (2013, p. 344):

As potências europeias puderam conquistar a África com relativa facilidade porque a balança pendia a seu favor, sob todos os aspectos. Graças às atividades dos missionários e dos exploradores, os europeus sabiam mais a respeito da África e do interior do continente – aspecto físico, terreno, economia e recursos, força e debilidade de seus Estados e de suas sociedades – do que os africanos a respeito da Europa.

Desse modo, o professor pode fomentar, junto aos alunos, durante o filme que, assim como Palmares (GOMES, 2011), Wakanda viu no isolamento atrás de suas defesas uma maneira de sobreviver a um mundo que desmoronava em meio ao caos e à escravidão, como nos é mostrado nos minutos iniciais de *Pantera Negra*. Todavia, os alunos devem ser conscientizados que, enquanto o reino tecnológico wakandano desenvolvia-se na penumbra de olhos abertos para o mundo, Palmares foi além, ao manter uma rede de relacionamentos dentro e fora de suas muralhas. Podemos nos referir a esse contexto para os educandos esclarecendo que, mesmo isolados, para os negros do Palmar⁷ “a economia [...] de base agrícola, não se destinava exclusivamente à subsistência [...] Com os excedentes realizavam trocas mercantis com moradores e lavradores das vilas próximas” (GOMES, 2011, p. 14). Percebemos então que tal exercício de comparação entre as duas nações, além de revelar

⁵ Refiro-me aqui ao discurso imperialista da segunda metade do século XIX, justificando a intervenção das potências europeias sobre as nações africanas, alegando-se que aqueles povos estariam sendo “salvos” da selvageria e levados à civilização ao adotarem aspectos culturais e religiosos característicos da Europa.

⁶ Termo usado para se referir aos espiões mantidos pelo governo de Wakanda espalhados pelo mundo.

⁷ Denominação também utilizada para se referir aos habitantes de Palmares. Para saber mais cf.: GOMES, 2011.

semelhanças na constituição de cada uma, também desponta especificidades próprias do reino localizado na Serra da Barriga, em Alagoas.

Diante do que foi exposto, o professor pode inferir que Palmares despertou desde muito cedo as atenções da Metrópole, pois já “em 1612, demonstra a importância dessa *res publica* já no início do século. O Estado negro continuou a crescer até os anos 1640, quando chegaram a considerar Palmares ‘um sério perigo’” (FUNARI, 2012, p. 35). Podemos perceber então, que o quilombo permaneceu como assunto importante para a administração colonial, por vários motivos, entre eles o fato de ser um conjunto de terras férteis e que de alguma forma atizou a cobiça das elites locais e administrativas de Portugal, até ser definitivamente destruído (ALENCASTRO, 2021, p. 30-73). Novamente as possibilidades de associação entre Palmares e o reino fictício africano são férteis. Tanto Palmares quanto Wakanda pretendiam permanecer resguardadas, cada uma a partir de motivos específicos, mas que se uniam na manutenção de uma visão que pode ser lida numa perspectiva de idealização, seja pelos movimentos sociais e negros e, no caso da obra fílmica, que era o de preservar-se como um reino de paz nos quais os indivíduos que viviam em suas fronteiras, ao se isolarem do mundo, preservariam as riquezas e as relações entre os indivíduos.

Ao longo do filme é possível perceber que o herói Pantera Negra chamou para si a missão de reformular, entre outras coisas, a decisão assumida pelos governantes anteriores de Wakanda, que era a de manter o reino indiferente aos acontecimentos que ocorriam nas outras partes do planeta. Como já destacamos, tal resolução assentava-se na compreensão de preservar-se com relação aos contatos com o mundo externo, estratégia de manter o seu país protegido. Assim, o rei T’Challa, a princípio, encontrava-se dividido entre os anciãos que pretendiam proteger a tradição e os que almejavam intervir militarmente para resolver os problemas do mundo, como era o caso do posicionamento do personagem W’Kabi,⁸ ou aqueles que se alinhavam aos partidários que defendiam o intercâmbio sociocultural e científico, compreendido como uma forma de trazer novas possibilidades para diminuir as convulsões atravessadas por outras sociedades, colaborando, desta forma, com fórmulas que ajudassem o restante da humanidade.

Neste ponto da película, onde é forjada tal discussão, o docente pode aproveitar o momento para estabelecer novas possibilidades de leitura a respeito de Zumbi e dos habitantes de Palmares, com os valores construídos no filme, destacando que, como o reino de Wakanda, Palmares possuía também preocupação em abrigar e conviver no interior de suas muralhas, com indivíduos que não provinham das senzalas. Segundo Funari (2012, p. 26-51), é importante destacar a presença, no quilombo, de alguns indivíduos brancos que muitas vezes foram alvo de perseguições praticadas pelos colonizadores. Como, por exemplo, judeus ou acusados de bruxaria, compreendidos pelas instâncias do império português como heréticos e criminosos, demonstrando, mais uma vez, que os portões do quilombo não estavam

⁸ Personagem interpretado por Daniel Kaluuya no papel de liderança militar da chamada *Tribo da Fronteira* encarregada de manter intocado por estrangeiros o perímetro do reino.

terminantemente fechados como em Wakanda. Pode-se, inclusive, citar Bartolomeu Lintz (BARLÉU, 2005, p. 280), enviado pela administração colonial para estudar e reportar o modo de vida palmarino, atitude essa que, utilizando o filme como possibilidade de intermediação, foi adotada pelo agente da CIA Everett Ross.⁹ Percebe-se então, que o universo imaginário de Pantera Negra possui pontos de aproximação e distanciamento com a história e o ambiente de convívio de Zumbi, e que tal exercício de estabelecer paralelos entre a História e uma obra de ficção deve ser encarada como uma possibilidade para que compreendamos como as imagens, representações e narrativas podem ser construídas, uma vez que o ensino da história trabalha dentro destas possibilidades.

Desta forma, pensar tais aproximações torna-se um exercício fértil e produtivo para questões orientadas para a compreensão da importância do uso e possibilidades do material fílmico, entremeadas com as maneiras possíveis de utilizar didaticamente tal recurso à luz da história. Tais debates se consolidam como aspectos importantes e necessários para a reflexão pelos profissionais no campo da história.

São incontáveis os usos possíveis do filme Pantera Negra. Caso procuremos partir para uma reflexão no campo cultural, o longa dirigido por Coogler evidencia uma seleção fantástica de elementos culturais africanos. É possível iniciar tal exercício comparando também o rei T'Challa com outros reis e lideranças históricas africanas além de Zumbi, como por exemplo, a rainha N'zinga (ou Njinga a Mbande) que orquestrou astutamente a resistência contra a colonização portuguesa na atual Angola durante o século XVI, fosse no campo diplomático ou militar (UNESCO, 2014, p. 44), ou o líder Samory Touré na região do Alto Níger, que na segunda metade do século XIX foi um grande entrave para os planos franceses de dominar a África Ocidental, construindo um Estado forte com um exército capaz de resistir aos colonizadores por quase duas décadas (MARZANO; BITTENCOURT, 2013, p. 224). Diante disso, percebe-se que o rei de Wakanda, o líder dos Palmares, a rainha do Ndongo e do Matamba e o unificador dos mandingas, fictícios ou não, compartilharam de características que foram fundamentais aos maiores líderes da história, desde a diplomacia/negociação até o comando de exércitos em batalha.

O filme também está repleto de elementos de artes marciais de origem afro, como a capoeira, e que podem ser notadas durante os momentos em que se evidenciam as lutas ritualísticas utilizadas no processo de coroação do novo rei,¹⁰ assim como as armas fabricadas a partir do metal fictício *vibranium* e utilizadas pelos guerreiros wakandanos, semelhantes a espadas, escudos ou lanças empunhadas, ao longo da história, pelos povos africanos.

Chama a atenção o fato de que a maior parte do elenco da obra foi composto por atores negros, com uma estética de cenários, figurinos, danças, trilha sonora e até mesmo elementos

⁹ Personagem interpretado por Martin Freeman em *Pantera Negra* (2018).

¹⁰ Cenas ocorridas no local conhecido como as Águas do Guerreiro, lugar onde o pretendente ao trono deve provar seu valor como guerreiro caso seja desafiado por um oponente. Este ritual termina com a morte ou a rendição de um dos participantes, o vencedor é coroado rei, ou melhor, o novo Pantera Negra.

religiosos cuidadosamente escolhidos para trazer uma visibilidade a caracteres que relembressem elementos africanos, o que nos ajuda a provocar discussões a respeito da representatividade e estética no interior do cinema, ponderando a respeito dos motivos da ausências de elementos que sejam vinculados ao mundo africano ou afro-brasileiro.

Podemos relacionar brevemente, por exemplo, os trajes e adereços de alguns personagens inspirados nesse universo como os Maasainot, os Akan ou os Mursi.¹¹ Pensando a dimensão religiosa, é possível notar, mais precisamente quando T'Challa e seu oponente entram em transe ao ingerirem a "erva-coração" [*Heart-shaped herb*], a referência ao uso de bebidas em rituais religiosos e à forte ligação que os povos africanos mantêm com o "Plano Ancestral"¹² onde os espíritos daqueles que já se foram continuam envolvidos com as questões do mundo dos vivos.

Assim, o filme pode ser utilizado em toda a sua potencialidade na sala de aula, no componente curricular de História, compreendendo-se que é possível o seu uso ao evidenciar o panorama cultural e as mediações entre as práticas e os personagens do filme com diversos povos africanos, contribuindo para estabelecer, também, como é a proposta do nosso texto, um conjunto de relações de construção de significação/ressignificação juntos aos elementos estudados sobre a história de Palmares, partindo do universo e temas introduzidos em *Pantera Negra*. Tornando, assim, mais fáceis possíveis comparações entre a ficção e a realidade histórica, mas sempre deixando expressas as possibilidades de utilizar os filmes como recurso importante para estabelecer discussões a respeito de temas e realidades trazidas por uma obra ficcional, mas que possuem ressonância na realidade histórica, como por exemplo, a de Palmares.

Os usos de material fílmico para promover discussões sobre dimensões da nossa história "contada" e "ensinada" é uma possibilidade evidente em *Pantera Negra*. As possibilidades de uso e discussões nesse sentido podem ser propiciadas também por filmes como, por exemplo, *Quilombo* (1984) dirigido pelo cineasta brasileiro Cacá Diegues, que se preocupa em expor a luta do povo palmarino. A nossa escolha em utilizar *Pantera Negra* foi a de abordar a questão através de uma obra cinematográfica produzida recentemente e que se apresenta com forte apelo junto às crianças e adolescentes que se encontram na educação básica. Além deste aspecto, é importante destacar que as questões fomentadas pelo uso da obra podem constituir-se numa estratégia importante para inserir outros filmes, inclusive os nacionais, no ambiente da sala de aula.

Deve-se ressaltar também a importância de se realizar essa ponte entre o cinema nacional e as produções advindas do exterior, uma vez que a Lei n.º 13.006/2014¹³ prevê a obrigatoriedade da exibição de obras do cinema nacional nas escolas, contribuindo também

¹¹ Maasainot são habitantes do Norte da Tanzânia e da região Sul do Quênia; os Akan são habitantes do território hoje correspondente a Gana; e, os Mursi são habitantes da região Sudoeste da Etiópia.

¹² Termo utilizado no filme para se referir ao lugar para onde vão os espíritos dos falecidos após a morte e no qual os vivos ainda podem manter contato durante os rituais religiosos.

¹³ BRASIL. Lei n.º 13.006, de 26 de junho de 2014. Brasília, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 10 dez. 2019.

para a valorização da produção cinematográfica interna frente aos grandes *blockbusters* hollywoodianos.

A luta pela liberdade como uma constante em *Pantera Negra*

Diante do que foi exposto ao longo deste texto, ao aproximarmos a história do Reino de Palmares a da civilização de *Pantera Negra*, percebe-se que ao optar por trabalhar uma obra cinematográfica em evidência nos parâmetros culturais atuais, torna-se mais prazeroso o exercício de construção de significação no ambiente de sala de aula, utilizando figuras históricas representadas pela cinematografia brasileira.

Os desafios propostos, para o professor, no processo de uso da linguagem cinematográfica em sala de aula, segundo Napolitano, reúnem alguns aspectos que devem ser observados, pois:

Não se trata de exigir do professor que se torne crítico profissional, [...]. Muitos professores cinéfilos, que dedicam boa parte do seu tempo livre para ir ao cinema ou assistir filmes em casa, já possuem uma boa carga de informações sobre a história do cinema, os filmes, os atores e diretores. Toda e qualquer informação poderá ser útil nas atividades em sala de aulas, pois torna a análise e mediação do professor mais interessante (NAPOLITANO, 2019, p. 80).

Portanto, tomando por base as provocações oferecidas pelo historiador, não estamos, a partir desta reflexão sobre os usos propiciados pelo ensino de história ao material fílmico, discutindo qual é o melhor filme para se trabalhar em uma aula de história, ou quem foi mais importante: Zumbi ou Pantera Negra. O que tal experiência propicia orienta-se pela perspectiva na qual o material fílmico pode ser utilizado, com a intervenção do professor de história, como ferramenta importante que colabore para que seja possível aguçar a percepção dos educandos quanto aos detalhes que cercam as diferentes tramas históricas, em que personagens fictícios e reais podem assumir papéis semelhantes na luta pela liberdade. Assim, tendo o professor como mediador desse processo, pode-se compreender que a apreciação do contexto sob o qual se dá a utilização de um filme contribui para que sejam permitidas um conjunto de estratégias que garantam a ampliação do cenário de aprendizagens junto aos estudantes da educação básica.

De tal forma, retornando à perspectiva proposta em *Pantera Negra* (2018), observa-se que o herói e seu antagonista, conhecido por Erik Killmonger,¹⁴ lutam ambos pela liberdade de seu povo, a partir da concepção de liberdade de cada um dos personagens. Todavia, Killmonger possui uma concepção de pertencimento que não se restringe apenas ao povo de Wakanda, mas a toda população negra que se encontra em diversas partes do mundo, uma vez que o mesmo viveu numa sociedade marcada pela desigualdade e problemas sociais acentuados entre os grupos majoritariamente negros. Assim, o vilão se coloca no lugar de

¹⁴ Personagem interpretado por Michael B. Jordan.

todos os meninos que viveram à margem da sociedade, sujeitos à violência e ao abandono das instituições públicas. Em contrapartida, o rei T'Challa enxerga que o mundo está mudando, uma vez que o processo de globalização também já levantou entre muitos setores da sociedade do reino africano o desejo de promover a integração com o mundo exterior, porém sabe que essa intenção também está permeada por uma vontade de aumentar a influência política e militar, aproveitando-se da superioridade das tecnologias bélicas desenvolvidas a partir do *vibranium*.

Todavia, é certo dizer que não apenas o vilão orienta suas ações com base no passado de exploração e escravidão como, anteriormente já foi mencionado, pois quando o filme se movimenta para a sua resolução o herói também passa a compartilhar das motivações do rival. Na segunda vez que T'Challa ascende ao "Plano Ancestral", firma-se o mesmo debate com os espíritos dos antigos reis de que "todos erraram" ao abandonar o resto do mundo. Assim, a missão do herói não assume o clichê de derrotar um vilão cruel e salvar o dia, mas denota a intenção de pôr em prática uma política externa voltada para ações humanitárias em prol de dias melhores. Contudo, pode-se ressaltar que a frase final de Killmonger define bem o que a liberdade pode significar para um povo que sofreu os males da escravidão, quando lhe é oferecida a oportunidade de cura de um ferimento fatal:

Curar? E então me prender?

Não.

Só me joga do oceano com os meus ancestrais que saltaram dos navios, já que a escravidão era pior que a morte

[*Why? So you can just lock me up?*

Nah.

Just bury me in the ocean with my ancestors that jumped from the ships, 'cause they knew death was better than bondage].¹⁵

A partir desse ponto é válido ressaltar que o suicídio se encontrava entre as formas de resistência à escravidão e, referindo-se ao tráfico através do Atlântico, esta foi uma prática desesperada adotada por muitos cativos a caminho da América nos navios negreiros (Cf.: REDIKER, 2011). Portanto, o professor de história pode utilizar mais esse exemplo em sala de aula, pois, como Killmonger, Zumbi também não mediu esforços na luta pela liberdade, já que o líder de Palmares ficou conhecido através dos tempos como um guerreiro que, acima de sua vida, defendeu o modo de vida de todos que estiverem sob sua tutela, não como ditador, mas um herói que direcionou suas forças para manter a escravidão das lavouras de cana-de-açúcar longe dos limites de Palmares.

¹⁵ Diálogo pronunciado pelo personagem Killmonger em *Pantera Negra* (2018).

Considerações finais

Por fim, é possível chegar a algumas questões que se tornam importantes para que o uso dos filmes e as representações por eles construídas no ambiente de sala de aula colaborem para pensar questões vinculadas ao lugar que valores como liberdade, temáticas como a das populações negras e dimensões como heróis e vilões podem ser exploradas. No decorrer dos últimos anos o cinema tornou-se um veículo para repensar espaços, temas e cenários que foram estereotipados, como é o caso do continente africano. Dentro deste processo de renovação, no ano de 2018, produzido pela Marvel Studios e disseminado pela Walt Disney Studios Motion Pictures, Pantera Negra foi lançado como um marco para gênero cinematográfico de super-heróis.

A visão do diretor Ryan Coogler nos apresenta uma obra impactante não apenas pelo simples fato do seu destaque em um universo compartilhado com personagens já tão aclamados como o Homem de Ferro, o Capitão América ou o Thor, mas também para ser explorada utilizando estratégias, inclusive no campo do ensino, de forma comparativa: pensar o contexto histórico das lutas contra a escravidão durante o Brasil Colonial, mais precisamente as que se desenvolveram no quilombo dos Palmares, em relação com as questões promovidas pelo filme.

Como procuramos ao longo do artigo estabelecer, torna-se importante que ao lançarmos nosso olhar sobre estas relações entre ensino e uso de material fílmico, destaquemos as ferramentas que estudos voltados para o campo das relações entre Imaginário, história e representações fornecem para que possamos pensar tais recursos dentro de uma “lente” que colabore no sentido de ampliar as possibilidades de uso e, desta forma, ganhar uma maior visibilidade durante as aulas de história, considerando, assim, que os discentes da educação básica, ao entrar em contato, por encontrarem-se imersos na cultura *pop* contemporânea, percebam como esta relação entre “heróis” e “vilões” pode ser trabalhada – obviamente não dentro de uma perspectiva maniqueísta, mas que colabore para compreendermos a complexidade na construção dos personagens, o que de alguma maneira colabora para que possamos ter uma perspectiva mais profunda sobre o significado de personagem, inclusive na compreensão de como tal realidade é construída historicamente.

Ao estabelecer tal problemática, acreditamos que nessa perspectiva símbolos de luta como Zumbi dos Palmares podem ser melhor dimensionados em sala de aula. Assim, com base no que foi exposto, Palmares esteve à frente do reino fictício de Wakanda em termos de contato com o mundo exterior. Aqui tem-se uma boa possibilidade de exemplificação de como a política externa é importante para a permanência de uma nação perante o cenário mundial. Então o professor de história pode valer-se mais uma vez desse exercício de imaginação e estratégias de ensino e aprendizagem, intermediado pelos usos do material fílmico, instigando, assim, os educandos a levantarem hipóteses e compreenderem a partir de tal recurso como as narrativas e personagens são construídos, exercício que se torna estimulante para a

compreensão de conceitos no campo do ensino e da pesquisa histórica como os de narrativa e personagens históricos (WHITE, p. 439-483; PINSKY, 2005).

Além disso, o docente pode propor outras questões que de alguma forma podem vir a colaborar para aguçar o exercício de pensar historicamente, tais como: O que teria acontecido, caso o quilombo não tivesse sido destruído? Que semelhanças e diferenças são possíveis estabelecer entre Palmares e Wakanda? Que outras semelhanças podem ser estabelecidas entre o Pantera Negra e Zumbi? Ou melhor, que questões são passíveis de serem discutidas a partir de dois personagens tão complexos e emblemáticos, mas que ainda inspiram gerações?

Estas são apenas algumas questões que podem colaborar para o nosso fazer docente no campo de ensino da História.

Referências

Documentos Audiovisuais

Pantera Negra. Direção de Ryan Coogler. EUA: Marvel Studios, 2018. (134 min.).

Legislação

BRASIL. *Lei n.º 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências*. Brasília, 9 jan. 2003.

BRASIL. *Lei n.º 13.006, de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica*. Brasília, 2014.

BRASIL. *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, 20 dez. 1996.

Bibliografia

ALENCASTRO, L. F. Palmares: batalhas da guerra seiscentista sul-atlântica. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Revoltas Escravas no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ANDERSON, Robert N. The Quilombo of Palmares: A New Overview of a Maroon State in Seventeenth-Century Brazil. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 28, n. 3, 1996.

BARLÉU, Gaspar. *O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange*. Brasília: Ed. Senado Federal, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

- BERNADET, Jean-Claude. *O que é Cinema?* São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHAVES, Wanderson da Silva. O Partido dos Panteras Negras. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan.-jun. 2015.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. 2ª ed. (rev. e ampl.). São Paulo: Paz e terra, 2010.
- FIGUEIRÊDO, Andersen Kubnhavn. *Ativismo negro em Salvador no período da Ditadura Militar (1970-1980)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira (BA), 2016.
- FREITAS, Décio. *Palmares: a Guerra dos Escravos*. Porto Alegre: Movimento, 1971.
- FREITAS, Décio. *República de Palmares: pesquisa e comentários em documentos históricos do século XVII*. Maceió: EdUFAL, 2004.
- FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: Sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. In: GOMES, Flávio dos Santos; REIS, João José (Orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOMES, Flávio dos Santos. *De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social*. São Paulo: Claro Enigma, 2011.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GOENDER, Jacob. *A Escravidão Reabilitada*. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- GUERRA, Fábio Vieira. *Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e nos EUA (1961-1981)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2011.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.
- LOPES, Juliana Serzedello Crespim; NEVES, Paulo Sérgio da Costa. Quando a memória é o pomo da discórdia: o 13 de maio de 2020 e a fundação palmares. *Revista de História, USP*, n. 181, 2022.
- MARZANO, Andrea; BITTENCOURT, Marcelo. *História da África*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.
- MOURA, Clóvis. Zumbi. (Verbetes). In: *Dicionário da Escravidão negra no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2019.
- ORIÁ, R. O negro na historiografia didática: imagens, identidades e representações. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.*, PPGH/UnB, Brasília, v. 4, n. 2, p. 154-165, 2011.
- PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2009.
- REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROCHA, Maria Corina; BARBOSA, Muryatan Santana. *Síntese da coleção História Geral da África: século XVI ao século XIX*. Brasília: UNESCO; MEC; UFSCar, 2013.

SANTOS, Wellington Oliveira dos. Identidade negra, relações étnico-raciais na diáspora e o filme Pantera Negra. *Revista de Estudos Universitário - REU, UNISO*, v. 44, n. 1, p. 69-89, jun. 2018.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2018.

UNESCO. *Njinga a Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba*. Direção Editorial e Artística Edouard Jouveaud. Série UNESCO Mulheres na História da África. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931/PDF/230931por.pdf.multi>. Acesso em: 05 abr. 2023.

VALIM, Alexandre Busko. História e Cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

WHITE, Hayden. A Questão da narrativa na Teoria histórica contemporânea. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério Forastieri da. (Orgs.). *Nova História em Perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.